

---

## *FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: DOM, CIRCUNSTÂNCIA OU HISTÓRIA? CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL*

---

**Danielle Fernandes Vasconcelos Alves**

(Universidade Estadual do Ceará)

**Ana Ignez Belem Nunes**

(Universidade Estadual do Ceará)

**Resumo:** Este trabalho é parte da pesquisa “Aprendizagem e Desenvolvimento: Concepções, Práticas e Interações no Espaço Escolar”, desenvolvida pelo Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Subjetividade (LADES) e apoiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Foi utilizada a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski: seus escritos sobre a influência do contexto sobre o homem e sua relação dialética com a cultura. Essa discussão se faz importante por trazer a proposta de compreensão de alguns fatores que levam a Pedagogia a ser apontada como uma profissão eminentemente feminina: processos identificatórios, aspectos sócio-econômicos e de status. A metodologia fez uso de observações das práticas profissionais e entrevistas semi-estruturadas com oito professoras de duas escolas da Rede Pública Municipal de Fortaleza, cujos nomes, para fins de citação, foram substituídos por nomes fictícios por razões éticas de sigilo. A análise dos depoimentos das professoras apontou sua entrada na docência através da identificação com referenciais femininos, marcadamente com as mães. Pode-se apreender, a partir da análise dos dados, de que modo as mudanças concretas no cenário político permearam seus trajetos e influenciaram a escolha pelo magistério. As observações das práticas das professoras indicam características típicas do feminino e uma busca dos alunos pela função materna, gerando uma interação de conflitos e angústias.

**Palavras-chave:** Psicologia Histórico-Cultural, Feminino, Magistério, Pedagogia.

## PEDAGOGY AS A FEMALE PROFESSION: A PERSPECTIVE OF SOCIOHISTORICAL PSYCHOLOGY

**Abstract:** This paper is a product of a larger research project entitled “Development and schooling: concepts, actions and social interactions inside schools”. The research is conducted by the Learning, Development and Subjectivity Laboratory (LADES) and sponsored by the Ceará Foundation for the Scientific and Technological Development Support (FUNCAP). Vigotski’s Sociohistorical Psychology was used as a theoretical framework to explain why pedagogy is seen as a female profession. The methodology included the observation technique and eight semi-structured interviews as instruments to evaluate female teachers from two different municipal public schools in Fortaleza. The participants’ names were replaced with fictional names to protect their identity. The analysis of the interviews revealed that the main reason for them to choose to be teachers is their identification with meaningful female models such as their own mothers. On top of that, data analysis indicates that changes in political scenario also led them to this profession (Pedagogy). The teachers’ daily practices are related to the female gender, and students seem to see them as surrogate mothers, which results in an interaction laden with conflict and anguish.

**Keywords:** Female gender, Pedagogy, Sociohistorical Psychology.

## *Introdução*

O interesse em investigar as diferentes significações que professoras dão à sua escolha profissional, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, nasce da compreensão da importância da subjetividade e da história de vida no modo como a docente não apenas escolhe, mas se posiciona diante de sua prática profissional. Nessa perspectiva, desenvolvemos, no laboratório de estudos da subjetividade e da saúde mental, a pesquisa que objetivou conhecer os elementos preponderantes na escolha profissional de um grupo de professoras de educação infantil de duas escolas públicas da rede municipal de Fortaleza, identificando os sentidos e significados por elas constituídos, nesse processo.

Nesse estudo, com apoio da Fundação Cearense de Pesquisa (FUNCAP), buscamos compreender alguns aspectos de natureza macro e microgenética, trazendo o confronto dos discursos dos sujeitos pesquisados com o cenário educacional, político, cultural, social e econômico no qual se inserem as professoras. Afinal, a reflexão da temática de inserção no magistério tem suscitado muitas discussões na área da Educação. Contudo, temos observado em grande parte desses trabalhos a ênfase nos aspectos contextuais que definem a profissão no Brasil. Por conseguinte, a lente sob a qual olharemos o tema foca nos aspectos subjetivos das docentes, aliados aos elementos sociais, políticos, econômicos e culturais em uma relação dialética. Afinal, a subjetividade media a relação do sujeito que conhece com a realidade objetiva a ser conhecida. Nosso desafio foi, em cada um dos elementos históricos e contextuais, perceber as constituições subjetivas deles derivadas no percurso de escolha e identificação com a profissão.

O primeiro aspecto investigado envolveu a consideração das relações sociais, das mudanças históricas e das dinâmicas culturais como elementos para entender as mudanças no discurso das professoras. Neste sentido, foi importante olhar a História como peça-chave para a compreensão da dinâmica da construção da própria Educação. Dinâmica esta marcada por avanços e retrocessos, fundada sobre um sistema capitalista, cuja primazia pela lucratividade e pelo individualismo compromete a qualidade da educação de toda uma população, em especial a de baixa renda, desvalorizando os investimentos na formação básica de crianças e adolescentes em todo o país.

O segundo aspecto investigado foi o elemento cultural vinculado à escolha pela profissão de professor, marcado pelo fenômeno da 'feminização do

magistério'. No Brasil, conforme esclarece Louro (2003), inicialmente, a escola foi conduzida pelos mestres jesuítas e era dirigida à formação dos meninos brancos da elite. Paulatinamente, a escola viu-se obrigada a acolher outros grupos sociais como meninos de outras origens e etnias e as meninas. Devido a isso, teve que se transformar e tornar-se diversa em sua organização.

Com as novas exigências sociais de ingressar meninos de outras origens e etnias, como também meninas na sala de aula, abre-se uma nova perspectiva para que as mulheres possam exercer a docência, pois, a priori, elas somente tinham o lar como responsabilidade e como estrito espaço social. Entretanto, vale salientar que a entrada das mulheres no magistério não foi tranquila. A possibilidade das mulheres exercerem o magistério foi contestada por diferentes discursos. Louro (2003, p. 78) esclarece que é com o apoio do discurso científico que alguns poderão afirmar que é uma insensatez “[...] entregar às - portadoras de cérebros pouco desenvolvidos pelo seu desuso - a educação de crianças”. Conforme afirma Oliveira (2006) é nesse universo que a mulher exerce a profissão do magistério, estando envolvida por uma ideologia masculina que determinava sua influência na postura que foi adotada pelas mulheres tanto dentro como fora do lar.

Louro (2003) declara, ainda, que as representações sociais das professoras indicavam uma mulher desgraciosa, solteirona, desconfiada e carrancuda, que não possuía atrativo; era quase uma bruxa e sempre usava óculos. Essas eram algumas imagens e representações da professora que, além de ser mulher, ainda era considerada uma figura pouco desejada. Sabemos que essas imagens vão constituindo redes de significações que interferem no desenvolvimento humano e em sua forma de atuar na realidade.

O terceiro aspecto analisado foram os fatores socioeconômicos específicos que influenciaram a trajetória profissional das professoras entrevistadas. Além desses fatores sociogênicos<sup>5</sup>, outro foco necessário para a compreensão das mudanças de perspectivas do processo da escolha profissional foram os fatores microgenéticos. Há alguns indivíduos que funcionam como mediadores na escolha da profissão, como pais, antigos ou professores, representando referenciais identificatórios para a escolha profissional. Desse modo, a mediação é imprescindível na dinâmica de significação e ressignificação que as docentes conseguem dar à profissão em determinado período de sua história singular.

A abordagem psicológica vigotskiana foi tomada como suporte teórico central nesse estudo, por se tratar de uma via importante para a compreensão crítica e dialética do processo formativo da psique humana, a partir de aspectos

culturais, sociais e históricos. O sujeito está ativamente inserido nas tramas interativas da história de seu tempo e não pode dele se dissociar.

Consideramos que avançamos muito no Brasil e no mundo, quando se discute o papel da mulher na sociedade. Contudo, a questão do feminino continua atual. A subjetivação não é eterna, imutável, nem universal, mas sim passível de transformação. A cultura brasileira, de maneira geral, acaba por se construir a partir de um sistema hierárquico com uma demarcação rígida de papéis para cada gênero, ao compreender o feminino e o masculino como identidades fixas. Pensar a questão do gênero é também um caminho para que compreendamos as diversas interações sociais nesta cultura, especialmente nos espaços educativos e possamos avançar na crítica, na transformação e na garantia das conquistas de profissionalização docente que ainda estão por vir; conquistas, também, na melhoria das relações de gênero no país, ainda marcadas pela desigualdade.

O conceito de gênero, na sociedade contemporânea, é concebido como uma divisão por “certo número de caracteres comuns, convencionalmente estabelecidos” (FERREIRA, 1975, p.682). Os gêneros masculino e feminino são assim definidos com base em critérios anatômicos. Sendo assim, o papel social do indivíduo seria definido com base nessa diferença sexual anatômica.

Ao longo da história humana, o papel da mulher foi limitado à função de reprodutora da espécie, esposa e mãe, numa relação de subordinação ao homem. A mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz de assumir a direção e chefia do grupo familiar. O homem foi associado à ideia de autoridade e poder de mando.

Embora essa posição esteja aos poucos se modificando (devido, principalmente, à crise da família nuclear, à inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, entre outros motivos), criou-se ao longo da história uma organização simbólica do psiquismo na qual o masculino e o feminino estiveram sob o efeito de uma relação de dominação, havendo divisão fixa de papéis para cada gênero.

Nessa perspectiva, este estudo vem dar enfoque ao ingresso feminino na docência, sobretudo no ensino infantil, ocupação majoritariamente feminina. Essa inserção traz, ainda que de modo silencioso e não explícito, a confluência da identidade do gênero à identidade docente. Isso porque o papel feminino construído simbolicamente em nossa cultura – mãe, educadora dos filhos, rainha do espaço doméstico (enquanto o espaço público é deixado ao domínio

masculino) – foi historicamente considerado análogo ao papel do educador. Na continuação, descreveremos brevemente a metodologia utilizada.

### *Percurso metodológico da investigação*

A investigação circunscreveu-se em um paradigma crítico, com um estudo de natureza qualitativa. Ela nos permitiu um aprofundamento maior do tema, a fim de estabelecer novas indagações, buscar outros ângulos de análises e ajustar instrumentos para posteriores pesquisas em caráter mais amplo.

As duas escolas escolhidas tiveram como critérios o fato de uma delas ter alcançado um alto IDEB e outra, ao contrário, não ter obtido resultados satisfatórios. Queríamos ouvir professoras subjetivando-se como docentes em cenários opostos. Em cada escola contamos com quatro professoras com idade entre 21 e 59 anos e, no mínimo, com três anos de experiência na docência e todas com formação em Pedagogia. As turmas selecionadas foram de Jardim I, Jardim II e primeiro ano (antiga classe de alfabetização). O convite para participarem foi feito após a permissão da direção da escola e de uma reunião com todo o corpo docente.

Os instrumentos utilizados para obter as informações foram entrevistas semi-estruturadas com as professoras e roteiro de observação de sala de aula. Cada entrevista foi pré-testada com uma professora, da mesma escola, não participante da pesquisa. O instrumento foi ajustado e, ao ser aplicado com as professoras participantes, foi feita a gravação da entrevista com autorização expressa de cada uma delas. Cada entrevista variou entre 50 e 120 minutos, sendo realizadas na própria escola em horários variados.

As observações de sala de aula foram realizadas livremente em um primeiro momento. Depois, com o roteiro em mão, cada pesquisador ficou uma semana em cada sala, em horários variados. As observações anotadas foram categorizadas para análise. A pesquisa durou cerca de um ano letivo, no qual também observamos outras atividades fora de sala de aula e fotografamos os processos interativos na escola. Aqui, no entanto, não analisaremos o resultado dessas imagens que deram origem a outro estudo sobre as relações interpessoais nas instituições educacionais.

As análises das entrevistas foram realizadas a partir de uma primeira leitura na íntegra das transcrições. Em seguida, procedeu-se à nova leitura dos

registros, anotando pontos de destaque e codificando os assuntos com um rótulo. No terceiro momento, as codificações constituíram categorias temáticas que foram analisadas à luz da teoria.

Para esse artigo, focamos na escolha da profissão. Por conseguinte, está organizado de modo que, no primeiro momento, discutiremos a subjetividade na relação da história individual e coletiva (mudanças na política educacional); no item seguinte, serão abordadas as questões de ordem sociogenética, como aspectos socioeconômicos, ideológicos e culturais que influenciam na escolha da docência. Por fim, discutiremos as indagações acerca da origem do desejo de ser professor que deram origem a esse artigo: será um dom? Uma circunstância? Será fruto de influências culturais? Vale sublinhar que todos os nomes das professoras aqui explicitados são nomes fictícios que elas mesmas escolheram para si, sem que as outras soubessem.

### *A subjetividade e os enlaces da história individual e da história coletiva*

Perceber o Homem apenas como produto do meio no qual está inserido seria aliená-lo de sua consciência, bem como de seu livre-arbítrio. Por outro lado, tomar o homem apenas como um feixe de emoções é tornar estéril a validade histórica das experiências concretas. O indivíduo não é pré-determinado a adquirir um aparato psíquico, cujas perspectivas de evolução são finalizadas e cristalizadas na infância; nem pode ser considerado como extensão passiva do meio do qual faz parte.

A Psicologia Histórico-Cultural pensa o ser humano em sua totalidade, considerando os fatores sociais que permearam o trajeto do docente. A ideia não é tipificar este Homem, mas singularizá-lo, a partir da compreensão das intrincadas dinâmicas interativas de práticas sociais. A subjetividade é construída de acordo com as experiências concretas singulares tecidas ao longo de uma história única, permitindo ao indivíduo apropriar-se, por meio da oposição e da identificação de experiências concretas e simbólicas, da dinâmica de relações sociais que o permeiam (REY, 2003). Faz-se necessária, então, a compreensão dos fatores sociogenéticos para entender os fatores microgenéticos de cada indivíduo.

Sob essa perspectiva, a história singular do sujeito é indissociável da História na qual ele se encontra imerso, influenciando suas idéias, valores e

escolhas tanto pessoais, quanto profissionais. O depoimento da trajetória de vida de cada professor remete, de modo explícito ou velado, à História coletiva no contexto das políticas públicas. As professoras são provas vivas das mudanças históricas que permearam o processo de formação docente, pois as entrevistadas compreenderam várias gerações, contemplando a faixa etária de 21 a 59 anos.

A História da Educação encontra-se em constante processo de formação. O tempo histórico das entrevistadas, em geral, atravessa duas importantes reformas educacionais. A conjuntura política primava por modificações no sistema da Educação Brasileira de modo a racionalizar, expandir, flexibilizar e integrar o sistema educacional brasileiro. Porém, a Reforma Universitária, instituída em 1971, que visou, sobretudo, satisfazer a demanda por educação em nível superior por parte das camadas médias da sociedade (LERCHE, 2002, p. 173), não trouxe em seu bojo uma proposta pedagógica concreta.

Cerca de três anos depois, é instituída a Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, que funcionou como suporte à Reforma Universitária e teve, como um dos objetivos, a contenção da demanda pelo nível superior, através da formação de quadros técnicos de nível médio, visando à profissionalização, denominada 'formação especial'. A formação especial foi pautada em ações técnico-operacionais, relegando aos professores os princípios da racionalidade, da eficiência e da produtividade de forma acrítica.

Sob essas perspectivas, a formação pedagógica dos docentes teria o caráter de habilitação profissional, uma vez que seu pré-requisito mínimo seria a formação especial, contemplada no Ensino Médio. A formação de professores para a educação infantil e para as séries iniciais do ensino fundamental entraria como tarefa do Curso Normal Superior, o que era coerente com a ideia governamental de corte de gastos no Ensino Público, já que os chamados Institutos Superiores de Educação estavam, em sua maioria, sob o domínio do ensino privado.

Em nível regional, o panorama político cearense é reflexo do momento histórico e político nacional, devido à subordinação das unidades federadas pelo poder central. Os mandatos dos governadores locais tinham grande dependência do aval, bem como dos interesses, da gestão presidencial no qual estavam inseridos.

De acordo com Lerche (2002, p. 284), os governadores que perpassaram essa época foram Virgílio Távora, Plácido Castelo, César Cals, Adauto Bezerra e Gonzaga Mota. Mesmo com particularidades na gestão, seus mandatos foram

caracterizados pela política do clientelismo. A contratação para cargos públicos dependia mais da aprovação/desaprovação do governador correspondente que da competência dos candidatos.

O professor primário se desfigura como profissional, para configurar-se como cliente dos políticos, bem à moda da 'política dos governadores' instaurada no regime oligárquico. Recrutados no meio dos egressos das escolas normais, estas ainda privilégio da classe média, o salário, para a maioria desses professores não tinha qualquer relevância; porquanto o trabalho representava mais uma relação de poder político, que uma relação profissional (LERCHE, 2002, p.218-219).

Os depoimentos das professoras, que tiveram sua formação profissional contextualizada na reforma da década de 70, comprovam o contexto histórico como influência norteadora da constituição profissional. Uma das entrevistadas, Olívia, com 28 anos de atividade docente e 46 de vida, cita a influência política da mãe como propulsora de sua carreira docente:

Primeiro quando eu morava no (...) Ancuri (...), quando eu já cursava a oitava série eu já comecei a ensinar (...) por que minha mãe era envolvida em política, né e eu num tinha ainda idade pra ganhar um contrato da prefeitura, aí era portaria (...) Quando eu completei dezoito anos eu ingressei no serviço público (...) quando eu terminei o Normal aí houve uma viravolta na política que só podia ser através de concurso né com a nova Constituição aí, eu tive que me submeter ao concurso interno pra poder exercer a profissão de professora.

A Constituição mencionada pela entrevistada corresponde à de 1988, que previa, de acordo com o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), uma definição dos rumos da educação na década seguinte, a Década da Educação (1993-2003). Em 1996, essa definição de rumos foi efetivada por meio das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394). Em suas disposições transitórias, a nova lei estabeleceu prazos limites para a formação pedagógica técnica, fazendo com que a preparação técnica de professores entrasse em processo de desaparecimento.

As mudanças históricas que permearam a passagem da formação técnica para a acadêmica são fatores importantes no processo de escolha da profissão. O discurso das entrevistadas de formação acadêmica, ao contrário das de formação técnica, não cita fatores circunstanciais e políticos. A escolha, nesse caso, vem de forma cônica, por meio da reflexão, e não da oportunidade, como no clientelismo. Contudo, no caso do Ceará, muita dessa formação em nível superior foi feita nos cursos de Pedagogia em Regime Especial. São cursos de dois anos, realizados por universidades e faculdades, a preços módicos, em espaços como



escolas, associações e outros com precária infraestrutura. A qualidade desses cursos tem sido largamente questionada. Muitos dos alunos não têm, de fato, motivação para o magistério. Mas, é a oportunidade de obter um diploma de graduação.

Além das questões citadas, não podemos esquecer que as histórias individuais e coletivas, atravessadas pela História da Educação no Brasil, estão vinculadas a outros elementos da ordem do sistema capitalista, como o aspecto econômico, ideológicos, culturais, sociais e o *status* de ser professor em cada contexto.

O sistema capitalista, enraizado na sociedade brasileira, fundamenta-se a partir de processos econômicos e mercadológicos. O trabalho, seja intelectual ou braçal, funciona como uma mercadoria, cujo valor é pautado a partir das dinâmicas socioeconômicas. Seguindo essa lógica, a valorização dos cursos acadêmicos se dá sob a perspectiva da rentabilidade que eles possam oferecer. Dessa forma, as profissões que possam proporcionar um maior capital tendem a ser mais valorizados dentro de um contexto social.

Uma comprovação empírica de tal fato é a concorrência por vaga nos cursos que têm maior *status* econômico, em detrimento dos considerados pouco rentáveis. Essa dinâmica, imposta pelo capitalismo, é utilizada como estratégia de *marketing* por empresas que trabalham com a Educação, desenvolvendo, dentro do ambiente escolar, estímulos ideológicos e financeiros para incitar a inscrição em cursos de maior concorrência no vestibular. Os valores e as ideologias inculcadas em uma sociedade, através de mediadores humanos e simbólicos, participam da formação psíquica do sujeito e influenciam as escolhas singulares deste, de forma cônica ou não.

Os profissionais de formação acadêmica se inserem nessa dinâmica capitalista. O curso de Pedagogia é comumente falado como opção, após o malogro no vestibular para cursos de áreas como a Medicina e a Psicologia. Tal fenômeno ocorre, provavelmente, devido à baixa remuneração dos profissionais da Educação. De acordo com Barros, Mendonça, Blanco (2001, p. 8):

Comparando o salário dos professores com o dos demais empregados no setor público – Executivo, Legislativo e Judiciário – percebe-se que, tanto a nível estadual como municipal, o salário médio dos professores fica abaixo da média.

A Psicologia Histórico-Cultural considera que a personalidade é constituída na cultura de determinada sociedade. É visível, na sociedade brasileira, traços da divisão de papéis por identidade sexual, o que remete à

existência de uma ideologia com a tendência de estereotipar características psíquicas como provenientes de fatores genéticos. A diferenciação de papéis entre homens e mulheres ainda está profundamente enraizada nas relações sociais. Há uma mitificação social, no que concerne à função específica de cada gênero e isso é refletido na associação da função da mulher como educadora nata. Segundo Arce (2001, p.170), a imagem do educador infantil, por exemplo,

[...] tem estado fortemente impregnada do mito da maternidade, da mulher como rainha do lar, educadora nata, cujo papel educativo associa-se necessariamente ao ambiente doméstico, sendo, assim, particularmente importante nos primeiros anos da infância [...]

Tal ideário é constituído na infância, desde a formação das primeiras funções psicológicas superiores. A diferenciação de cores, cor-de-rosa para meninas e azul para meninos e a diferenciação dos brinquedos, boneca para meninas e carrinhos para meninos, fazem com que aspectos ideológicos, eminentemente patriarcais, passem para as gerações, tornando o discurso interpsicológico em intrapsicológico.

É inegável a importância do fator filogenético como aparato estruturante do potencial humano. Apesar de o indivíduo dispor de toda uma gama de potencialidades, oriundas de um fator biológico proveniente de um processo cumulativo de gerações antepassadas, nenhum indivíduo nasce com suas funções psicológicas prontas e acabadas. Elas não são desenvolvidas de forma descontextualizada de um meio. O fator social funciona, então, como força motriz da constituição humana em seu processo evolutivo como espécie, fazendo do homem um ser de constituição impreterivelmente social. De acordo com Square e Kandel (2000), não foi o aumento do tamanho do encéfalo ou uma mudança em sua estrutura que determinou as mudanças culturais e o progresso ao longo de milhares de anos de evolução humana. Foi, antes de tudo, a capacidade intrínseca do encéfalo de captar o que aprendeu pela fala e pela escrita, e de ensinar tais coisas a outros.

O fator biológico atua, então, como suporte primário para o desenvolvimento das capacidades exclusivamente humanas. Estas são adquiridas por meio da interação do indivíduo com outros, que funcionam como mediadores de instrumentos e símbolos. Deste modo, o indivíduo pode se apropriar de signos e avançar no desenvolvimento de suas funções psicológicas mais complexas.

O ato de andar com postura ereta, o desenvolvimento da percepção, a exteriorização de aspectos subjetivos, como o riso e o choro, a constituição

psíquica, como o pensar em palavras, as opiniões, as aspirações e as escolhas são provenientes dos processos ontogenéticos, sociogenéticos e microgenéticos.

Pode-se afirmar que estes avanços só podem ser adquiridos a partir das funções psicológicas básicas, ou seja, aquelas que também estão presentes nos outros animais, sendo filogeneticamente adquiridas de forma proporcional ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Provas empíricas que confirmam tal proposição são os casos de crianças abandonadas em florestas, que sobreviveram alienadas de uma sociedade. De acordo com Rego (1995), as duas 'meninas-lobas' que foram encontradas na Índia, vivendo no meio de uma manada de lobos, apresentavam comportamentos característicos de animais, como andar com o apoio das mãos, alimentarem-se de carne crua e até mesmo estragada, ausência da linguagem verbal, não conseguir permanecer com o corpo ereto, não conseguir pensar com lógica, não saber usar copo, garfo, etc.

A partir de interações sociais, o homem desenvolve suas potencialidades. Ele é sujeito concreto de sua formação, modificando a si, ao meio e sendo por este modificado. Desse modo, a formação constitutiva do sujeito não é fornecida por fatores genéticos, interpretado como 'dom', ou circunstancial, que secundariza o homem como sujeito. A mediação de um semelhante, os valores sociais e o momento histórico são imprescindíveis para o desenvolvimento psíquico. Leontiev *apud* Tulesk (2002, p. 107) afirma que

Podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.

Partindo-se desse pressuposto, os processos psíquicos estão em constante complexificação a partir das identificações passadas e presentes, bem como das experiências mediadas pelos semelhantes. Para ampliar a discussão, retornamos as colocações que deram início à nossa investigação, agora, na visão das professoras pesquisadas: o que leva um sujeito à prática docente? Será a genética? Será o destino? Ou será a história?

### *Magistério como vocação ou profissão na trajetória das professoras*

As professoras inseridas na categoria de geração antiga mostram o referencial feminino como agente na manutenção da divisão de papéis, posto que, de modo recorrente, a figura materna impõe-lhes a profissão. Observe-se o depoimento da professora Joaquina, de 59 anos de idade e 33 de magistério:

Foi por imposição no começo foi a minha mãe (...) nesse tempo, setenta e quatro por aí.. ela... ou você trabalha no comércio ou você ia ser professora (...) me colocou numa, na escola Normal pra ser professora, porque o sonho dela era ser professora e naquele tempo professora era doutora.

Outros depoimentos apontam uma trajetória profissional iniciada, não por meio da imposição, mas da sugestão de uma figura feminina ou imitação da figura materna presente. Pode-se exemplificar isso a partir do discurso de uma das entrevistadas, Paola, de geração mais recente, com 29 anos e formação acadêmica:

Eu mesma me identifiquei, sempre, desde criança. Eu brincava daquele negócio de brincar de escolinha e gostava de ensinar as minhas colegas mais novas, assim eu fazia o sexto ano ensinava as meninas do quinto ano e sempre foi assim. Eu sempre gostei. Minha mãe também é professora eu não sei se conscientemente ou inconscientemente influenciou.

Para Vigotski, apud Nunes e Silveira (2008), a brincadeira é uma atividade criativa da criança. A imitação desenvolve papel fundamental no lúdico, pois a criança, imitando o que vê, combina e reelabora a atividade dos adultos. A entrevistada, portanto, quando criança, brincava de escolinha, criando uma Zona de Desenvolvimento Proximal<sup>iii</sup>, apropriando-se de uma cultura. Assim, de acordo com Vigotski apud Nunes e Silveira (2008 p. 104) “as interações sociais estão na origem de todas as funções psicológicas superiores”. Por imposição ou sugestão, a figura materna funciona como mediadora da cultura predominante. Nesse sentido, toda escolha humana traz o consórcio de aspectos históricos e culturais com elementos da especificidade subjetiva do indivíduo.

Cabe, então, ampliar a voz das professoras pesquisadas para perceber mais de perto como concebem sua escolha pela docência, numa concepção de que o sujeito, de forma dinâmica, significa e ressignifica experiências concretas de acordo com as modificações em seu meio social. Exemplos concretos dessa concepção de devir histórico foram encontrados em depoimentos das professoras que disseram ter escolhido o magistério por imposição materna ou daquelas que escolheram a carreira como segunda opção, provando, na prática, essa capacidade do ser humano de resignificar àqueles fatores aos quais é exposto.

Das professoras pesquisadas, apenas uma delas, Eliza, vê o ato de ensinar como um dom, conforme podemos observar em sua fala “(...) me veio assim esse dom essa ‘Há! ensinar, né, cuidar do outro’ entendeu?”. Apesar do depoimento, ela admite que a docência não foi a sua primeira opção, tendo tentado, a

princípio, vestibular para o curso de Medicina. Contudo, no decorrer da entrevista, ela fez referências a sujeitos mediadores de seu possível 'dom', em especial, duas professoras, que foram referenciais identificatórios.

Outra professora, Patrícia, ao deparar-se com a indagação sobre como se tornou professora, utilizou o termo 'circunstância' como resposta. Ela não conseguiu analisar sua emergência profissional de modo a situar-se historicamente. No decorrer da entrevista, ela mostrou dificuldade em reavaliar seu exercício profissional: "Não foi assim vocação, assim, ai! eu amo... Mas eu digo assim... Não é porque eu não tenho vocação que eu não tenho responsabilidade".

A entrevistada também não consegue fazer um distanciamento da experiência imediata<sup>iii</sup> das experiências emergentes na prática social, não se vendo como sujeito de sua história, apenas de indivíduo resignado a fatalidades de seu meio. As outras sete entrevistadas remeteram, indubitavelmente, a fatores sociais, como referenciais familiares, culturais e históricas. Dentre eles aparecem: o conservadorismo patriarcal da época na qual fizeram a escolha e o processo valorativo da profissão em determinado período histórico.

Outro elemento que merece ser destacado na escolha das docentes é o processo de identificação. Ele é comum à maturação psíquica e é proveniente do desejo de ocupação de determinada função ou de um lugar de outro indivíduo, alvo da identificação. Não obstante a identificação ocorrer notoriamente na infância, época de maturação psicosssexual e biológica; ela também ocorre durante toda a vida, balizando as escolhas singulares do indivíduo e norteando seu modo de agir no mundo. Os pais, ou os principais responsáveis pelas crianças são personagens essenciais no processo 'identificatório', uma vez que estão presentes e participam durante toda a dinâmica.

O psiquismo comumente é provido de uma identidade. Esta se configura consoante às experiências sociais e culturais, assimiladas marcadamente pelo indivíduo ao longo de sua infância, mas também durante a vida.

Nessa perspectiva, a análise dos discursos das entrevistadas aponta que a escolha pelo magistério deu-se por meio da mediação por outra figura congênere. Os referenciais, comumente, são as figuras representativas das funções maternas, embora sejam encontrados outros pilares, como amigas e primas ainda que quantitativamente reduzida. De acordo com Colling (2004, p.15)

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a 'rainha do lar', digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade.

O alvo do processo de identificação é localizado de acordo com as escolhas de forte teor emocional do indivíduo. Segundo Laplanche e Pontalis (1998, p. 297), "o objeto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa". Dessa forma, pode-se citar o exemplo de Angela: em seu discurso diz ter estudado em colégio de 'orientação tradicional' e de ser proveniente de uma família tradicionalmente estruturada, o pai funcionando como provedor do lar e a mãe como dona-de-casa. Diz que sua atuação se baliza na atuação de seus antigos professores, tradicionais.

A formação psíquica a partir da imitação paterna e materna tem papel importante na constituição subjetiva do indivíduo que, muitas vezes, apropria-se de alguma característica particular do desejo do outro, buscando realizá-lo para, assim, realizar a si mesmo como indivíduo que tomou o lugar daquele o qual se identifica. Tais considerações remetem à fala de Paola, já citada anteriormente, ao tentar localizar os referenciais norteadores de sua escolha profissional:

Eu mesma me identifiquei (...) desde criança. Eu brincava daquele negocio de brincar de escolinha. (...) Minha mãe também é professora eu não sei se conscientemente ou inconscientemente influenciou (...) as pessoas falam que nós somos muito parecidas em temperamento, a gente se pega muito. (...) Minha mãe (...) falando que, quando ela começou, era tão exagerado (...) ela se envolveu tanto num projeto que ela se esqueceu de comer que deu uma fraqueza nela. Eu também tenho muito disso, acho que eu puxei isso da minha mãe. (...) E meu pai também, ele não é professor, ele é engenheiro agrônomo, ele dá aula porque ele gosta.

Percebe-se que essa professora teve como referencial identificatório a mãe. Deve-se levar em consideração a expectativa gerada em torno da escolha dessa professora, pois apenas ela tinha que seguir a profissão da mãe: "eu sou a que escolheu a profissão da mãe que é a pedagoga. A professora. (...), mas as pessoas falam que nós somos muito parecidas em temperamento, a gente se pega muito, mas é porque ela diz que nos somos muito parecidas".

A fala da pedagoga é representativa da identificação a partir do desejo hostil de tomar o lugar materno, desenvolvendo o mesmo sintoma desta: trabalhar demais. Uma importante curiosidade é o fato de a professora ter conseguido lembrar de a mãe ter somatizado quando se encontrava envolvida em um projeto educacional. Quando foi feita a entrevista, a mesma estava

inserida em outro projeto. Paola também deu exemplos de sua dedicação extrema ao trabalho, assim como a mãe.

Também, deve-se levar em consideração, para a dinâmica da escolha da profissão, o contexto cultural do indivíduo, ou seja, o que ser professora significava para a sociedade em determinado tempo histórico. Pode-se notar, pela fala das entrevistadas, que ser professora, na época em que elas escolheram, significava muito. Era uma profissão valorizada, em comparação com a profissão, hoje, conforme fica explícito na fala de outra entrevistada, Joaquina, também já citada: “me colocou numa, na escola Normal pra mim ser professora, porque o sonho dela era ser professora e naquele tempo professora era doutora”.

Outras três entrevistadas apontam a entrada no magistério como forma de realização de um desejo materno, indicando assimilação do desejo desta, traduzido como próprio desejo. O desejo materno sofreu apropriações das entrevistadas através de sugestões ou mesmo imposição da mãe. Uma das entrevistadas, Cecília, ao contar sua condição de filha mais nova, diz ter sido incumbida de entrar no magistério devido à negação das outras irmãs de realizar o desejo da mãe de seguir a carreira docente. Ela justifica sua escolha por realizar o desejo da mãe com certa resignação e em forma de chiste: “eu era a mais nova, veja a minha situação (risos), eu não tinha mais a quem entregar o cargo, né?”.

Pelo discurso dessa entrevistada, é notável outro fator ‘identificatório’ relevante para a escolha da profissão: a idealização da mãe para com a filha. O sonho da mãe era que a filha fosse professora, pois era uma profissão bem vista. Daí, a filha assimila esse sonho, tomando-o, de certa forma, como se fosse um sonho seu.

Algumas professoras não trazem em seu discurso pessoas ou situações que fizeram com que elas se identificassem com a pedagogia. Muitas passaram a se identificar com a profissão depois de já estarem exercendo-a. Uma das entrevistadas, Joaquina, fez pedagogia por imposição, mas acabou por se apaixonar pela profissão:

[...] é muito bom ser professor porque nós ensinamos eles a ser uns cidadãos, né? E... aprender alguma coisa que nós passamos pra eles, alguma coisa boa pra eles e no futuro eu... é, às vezes, eu me encontro com alunos meus, que já são pais, né? E que tem uma formação boa, e eu fico feliz porque eles aprenderam alguma coisa comigo.

Das oito entrevistadas, duas não remetem às mães como influenciadoras, mas a outros vínculos formados de forma temporária: Nélida remete à psicóloga que fez com a mesma testes de aptidão profissional; Eliza aponta uma amiga, que

prestou vestibular com a mesma; Patrícia, não consegue localizar referenciais balizadores de sua entrada profissional, não conseguindo, conscientemente, criar vínculos afetivos com sua profissão e revelando não ter vocação, indicando, assim, resignação e fatalismo.

Vale salientar a grande dificuldade que algumas delas tiveram que enfrentar para poder se tornar professora: algumas lutaram para poder voltar a estudar; outras, para conseguir passar em um concurso e outras, para resignificar a pedagogia, para que se tornasse algo que lhes fosse prazeroso. E cada uma dessas professoras superou dificuldades e expectativas, mostrando que, quando há uma identificação forte com um objeto, o ser humano doa-se por completo para consegui-lo e que as tramas 'identificatórias' são diversas e complexas.

Além de processos de identificação com significados do feminino, as entrevistadas mostraram uma dinâmica dialética de ressignificação, reorganização e mobilizando suas convicções e concepções sobre o magistério. Pode-se citar, como exemplo, o caso das professoras que escolheram a Pedagogia como opção, após tentativa frustrada de entrar em outro curso. Elas acabaram por dar nova significação ao curso, dizendo encontrar satisfação no que fazem como docentes, apesar das dificuldades características da profissão.

### *Considerações finais*

Como dito anteriormente, a escolha pela profissão docente dá-se, muitas vezes, por meio da identificação com referenciais femininos, muitas vezes através da influência (ou mesmo imposição) da mãe, ou de outros referenciais, como amigas ou primas, de acordo com as marcas emocionais que as interações promovem.

Além disso, pode-se concluir que a docência, sobretudo no ensino infantil, é um papel ocupado principalmente pela mulher porque a profissão é identificada com o feminino: com a atitude ética, o cuidado, a atenção à criança em desenvolvimento. Educar é cuidar da formação cidadã, da formação científica, da cidadania, da solidariedade. A educação tem sido resumida como 'o cuidar da vida', e o feminino (que não é uma exclusividade da mulher) tem uma força simbólica em relação a isso.

Contudo, ainda que o cuidado seja condição necessária, não é suficiente para dar conta da educação infantil. É necessária também a presença da função



paterna na vivência escolar, como o representante da ordem e do 'limite'. Além disso, o 'cuidado', identificado com a função materna, deve vir sempre acompanhado pela competência e boa formação do professor: cuidado sem conhecimento é apenas boa intenção e não é suficiente. Daí a importância de uma formação eficiente dos professores, preparando-os tanto do ponto de vista do conhecimento técnico e científico, quanto para o saber lidar com o desenvolvimento psíquico dos alunos.

Não são só esses processos de identificação que influenciam a escolha da docência. Como explicitado, o contexto histórico e cultural também é de extrema importância para a escolha dos indivíduos. Marx (apud Gomes 1992) já dizia que o Homem é condenado a ser livre. Essa liberdade vem da sua capacidade de construir e reformular seu próprio ambiente. Para isso, no entanto, é preciso identificar os fatores que influenciaram determinadas condições de existência a partir das relações sociais.

Vigotski (1996) vem, então, explorar os aspectos sociais, históricos e culturais, objetivando localizar as variantes imprescindíveis dos processos formativos psíquicos de cada indivíduo. Com isto, ele se torna participante ativo em seu processo de formação psíquica nas tramas interativas da sociedade de sua época. O fazer-se professor é uma atividade constante, já que o ser humano é capacitado a complexificar suas funções psicológicas superiores durante todo o período de existência, sendo capaz de modificar o meio e de significar e (re) significar sua história.

As vozes das professoras comprovam que as escolhas profissionais pelo magistério são oriundas de como cada uma delas organiza seus processos subjetivos e, assim, deixam-se influenciar mais por um determinado fator. Mesmo a ideia de vocação não pode ser vista como algo inato. Afinal, nossa volição, nossos motivos estão permeados pelas interações estabelecidas em nossa história, mesmo antes do nascimento. Por conseguinte, refletir sobre o que nos leva a escolher uma determinada atividade profissional contribui para a produção de novos sentidos sobre nós e sobre o fazer profissional. Um exercício essencial para que possamos avançar em nossas zonas de desenvolvimento e nos apropriarmos cada vez mais de nossa história e de nosso papel no mundo.

Por fim, com a pesquisa, concluímos que buscar na memória do docente o seu fazer profissional é instigá-lo a controlar e modificar seu devir sempre que necessário. Nessa perspectiva, há o fortalecimento de sua categoria profissional, imprescindível na mediação de conceitos científicos, tão caros no desenvolvimento das funções psíquicas superiores da humanidade como um

todo. Desse modo, o tema da escolha profissional não está esgotado. Como história, ele permanentemente se atualiza a partir da internalização que os sujeitos fazem dele. Portanto, é elemento central na produção subjetiva dos docentes.

### *Referências bibliográficas*

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 167-184, 2001.

BARROS, Ricardo Barros de; MENDONÇA, Rosane; BLANCO, Mauricio. O mercado de trabalho para professores no Brasil. *XXIX Encontro Nacional de Economia*. Disponível em: <[www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200106325.pdf](http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200106325.pdf)> . Acesso em: 9 fev 2009.

COLLING, Ana. *A Construção Histórica do Feminino e do Masculino*. Gênero e Cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. , p. 13-3.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Local: Standart Brasileira. v. XVIII, p. 134/35.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GOMES, Morgana. *A vida e o pensamento de Karl Marx*. São Paulo: Minuano, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.297.

LERCHE, Sofia. *História da educação no Ceará: sobre promessas, feitos e fatos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Del Priore, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, D. de A. *A função paterna e a cultura*. Disponível em:<[http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792001000100006&lng=pt&nrm=>](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792001000100006&lng=pt&nrm=>) Acesso em: 25 abril 2009.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima e SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. *Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos*. Fortaleza: Liber Livro, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Lev Vigotski: texto e apresentação*. Disponível em <[http://www.sms.fortaleza.ce.gov.br/sms\\_v2/smse/textos/26\\_02\\_2006/Texto%20Lev%20Vygotsky.pdf](http://www.sms.fortaleza.ce.gov.br/sms_v2/smse/textos/26_02_2006/Texto%20Lev%20Vygotsky.pdf)>. Acesso em: 13 fev 2009.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REY, Fernando González. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2003.

SQUIRE, Larry R. e KANDEL, Eric R. *Memória. Da mente às moléculas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TULESK, Silvana Calvo. *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. Maringá: Eduem. 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

---

#### NOTAS

<sup>i</sup>De acordo com Oliveira (2006, p.26), a sociogênese refere-se às “formas de funcionamento cultural que interferem no funcionamento psicológico do sujeito”. Já por microgênese, entende-se as singularidades de cada fenômeno psicológico. Dessa forma, Vigotski nega o determinismo, seja ele cultural ou inato, considerando os fatores individuais da história do sujeito como variantes no processo formativo de seu psiquismo.

<sup>ii</sup> De acordo com Nunes (2008), o conceito de Zona Desenvolvimento Proximal remete à inter-relação de conhecimentos.

<sup>iii</sup> Considera-se no texto como imediato os processos psíquicos que se deram sem a mediação de outro semelhante humano.

---

*Sobre as autoras:*

**Danielle Fernandes Vasconcelos Alves** é Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará em Psicologia, Especialista em Psicodrama, Graduada em Psicologia.

**Ana Ignez Belem Nunes** possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1989), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1995) e doutorado em Ciências de la Educación - Universidad de Santiago de Compostela/Espanha (2004). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará da área de Psicologia da Educação, lecionando também no Programa de Pós Graduação em Educação da UECE. Integra o grupo de pesquisa Política Educacional, Memória e Docência e coordena o Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental do curso de Psicologia da UECE.

*Enviado em: 28/04/2015*

*Aceito para publicação: 20/3/2016*